



**BILHETE
DO SINDICATO**

25 de julho de 2020

Nº 636

www.metroviarios.org.br

Uma publicação do



**SINDICATO DOS
METROVIÁRIOS SP**

✉ sindicato@metroviarios-sp.org.br

f /MetroviariosSP

🐦 /Metroviarios_SP

25 de Julho - nunca é demais gritar: Basta de racismo e machismo!

O dia 25 de julho tornou-se o Dia da Mulher Afro-latino-americana e Caribenha a partir de 1992, com a realização do 1º Encontro de Mulheres. No Brasil, a Lei nº 12.987/2014 instituiu o mesmo dia 25 como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Tereza de Benguela foi uma líder quilombola que viveu durante o século 18

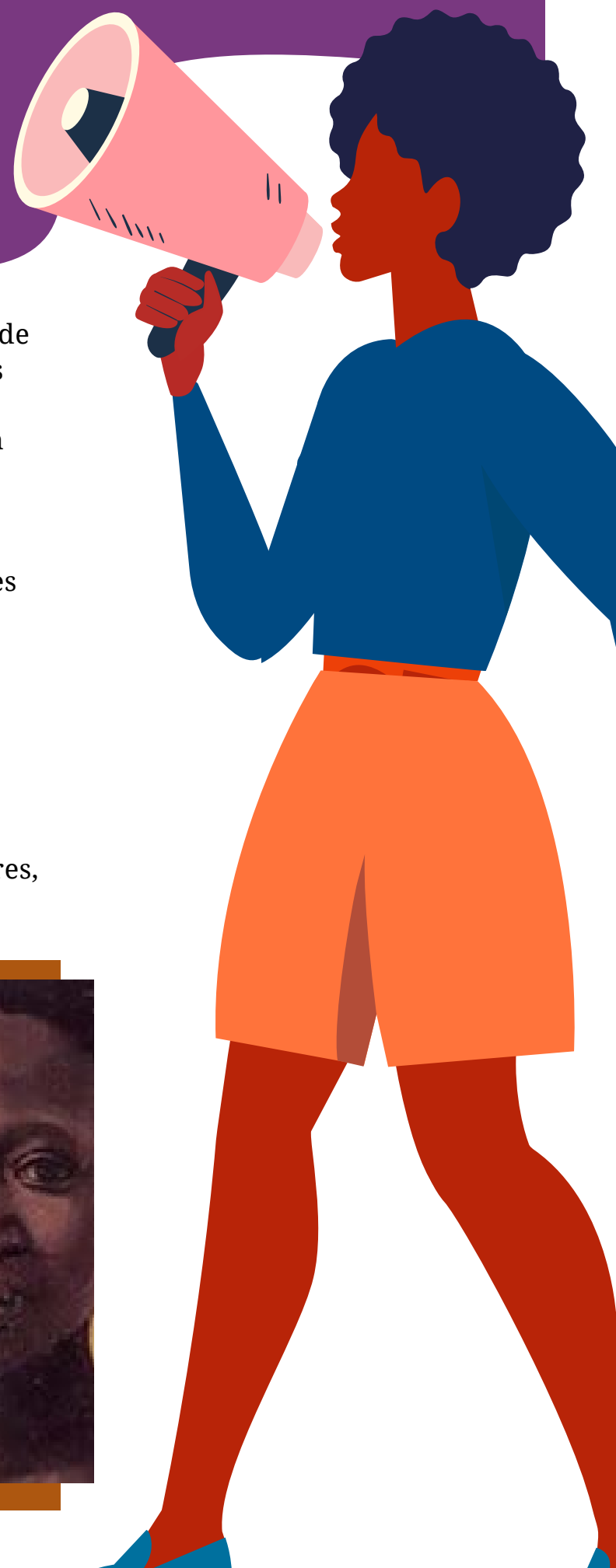
No Brasil e em toda a América Latina, a data serve para homenagear grandes mulheres da nossa história, que foram responsáveis por lutas de resistências importantes de todo o povo pobre e explorado, a começar pela luta contra a escravidão. Seu sentido atual deve ser também o de denunciar a atual desigualdade social, cultural, política que ainda persiste em nossa sociedade. Essa realidade presente é resultado de uma história do Brasil marcada pelo racismo e pelo preconceito e que tem nas mulheres negras os maiores alvos de injustiça, humilhação e preconceito.

A pandemia escancarou e aprofundou a desigualdade social, o

racismo e o machismo: as mulheres negras são as que ocupam os postos de trabalho mais precários, as que mais perderam empregos em meio a toda essa calamidade, as que mais sofrem com a violência doméstica e com a violência policial. Os jovens negros assassinados pela polícia têm mães negras, como também essas mulheres são vítimas desta polícia.

O caso mais recente da mulher que teve o pescoço esmagado por um policial na zona sul de São Paulo é emblemático desta condição. Essa dura realidade só se aprofundou com a chegada de um presidente preconceituoso, que odeia as mulheres, é racista e anti-povo.

**TEREZA DE
BENGUELA**



Desigualdade também no Metrô

No Metrô é perceptível a desigualdade: a maioria das mulheres que trabalham nos serviços terceirizados de limpeza são negras, que ganham muito pouco, estão expondo suas vidas ao risco e cumprindo um papel mais que essencial: a higienização dos trens e estações em meio a uma pandemia que tem forte capacidade de contaminação comunitária. Isso é possível perceber com os mais de 2 milhões de casos de infectados em todo o Brasil

De uma ponta estão as trabalhadoras do Metrô e na outra são as mulheres negras que mais utilizam o transporte público em São Paulo, estando mais expostas ao assédio sexual e importunações nos vagões e ônibus. Estão nos trabalhos mais precarizados, recebem as rendas mais baixas e são o principal alvo no feminicídio, representando 58% dos casos.

Um dos ataques que o Metrô aplicou recentemente significa precarizar mais ainda a situação das poucas mulheres negras e suas famílias que trabalham na empresa, pois retira um percentual importante de sua responsabilidade para com a Metrus, mexe com o direito na saúde. Pesquisas revelam que as mulheres

negras têm os piores atendimentos e acesso à saúde no Brasil, isso se deve ao racismo institucional. Mostrando que as mulheres negras estão no topo dos índices da mortalidade materna, falta de acesso ao pré-natal e são as maiores vítimas de violência obstétrica.

Ou seja, esses ataques pioram ainda mais a vida dessas mulheres, por isso é necessária muita organização e resistência para barrar as propostas do Metrô que só visam o lucro dos de cima e não o bem-estar de seus empregados.

Essa condição histórica também

permite às mulheres negras serem a linha de frente da resistência. O levante negro norte-americano teve como porta-vozes jovens mulheres negras que ecoavam o grito de basta. O Brasil também carrega um histórico de lideranças negras e femininas que de Tereza de Banguela a Marielle impulsionam as mulheres negras a seguirem na luta e na resistência contra o machismo e o preconceito.



Foto: arquivo/Sindicato

Rosana, presente!



Rosana foi funcionária do Sindicato por mais de 15 anos. Era responsável pelos serviços de limpeza e copa. Muitas pessoas que frequentam o Sindicato não lembram de Rosana porque muitas de nós, mulheres, somos invisibilizadas, mesmo quando realizamos um serviço essencial, como a limpeza de espaços coletivos. Rosana foi uma das mais de 80 mil vítimas da Covid-19 e sempre foi o rosto e a vida das mulheres negras trabalhadoras, responsáveis pelo sustento de seus filhos. Sua força vai continuar presente em sua família e em todos que conviveram com ela. Neste 25 de Julho, dedicamos todas nossas homenagens à companheira Rosana.